

72. Demonstrada a existência dos Espíritos, pelo raciocínio e pelos fatos, e a possibilidade de agirem sobre a matéria, devemos agora saber como se efetua essa operação e como eles agem para mover as mesas e outros corpos inertes. (...)

74. As respostas (...) foram dadas pelo Espírito São Luís e depois confirmadas (...):

1. O fluido universal é uma emanção da Divindade? – Não. 2. É uma criação da Divindade? – Tudo foi criado, exceto Deus. 3. O fluido universal é o próprio elemento universal? – Sim, é o princípio elementar de todas as coisas. 4. Tem alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos? – É o seu elemento.

5. Como o fluido universal se nos apresenta na sua maior simplicidade? – Para encontrá-lo na simplicidade absoluta seria preciso remontar aos Espíritos puros. No vosso mundo ele está sempre mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos rodeia. Podeis dizer, entretanto, que ele mais se aproxima dessa simplicidade no fluido que chamais fluido magnético animal.

6. Afirmou-se que o fluido universal é a fonte da vida: seria ao mesmo tempo a fonte da inteligência? – Não; esse fluido só anima a matéria.

7. Sendo esse fluido que forma o perispírito, parece encontrar-se nele numa espécie de condensação que de certa maneira o aproxima da matéria propriamente dita? – De certa maneira, dizeis bem, porque ele não possui todas as propriedades da matéria e a sua condensação é maior ou menor, segundo a natureza dos mundos.

8. Como um Espírito pode mover um corpo sólido? – Combinando uma porção de fluido universal com o fluido que se desprende do médium apropriado (...).

9. Os Espíritos erguem a mesa com a ajuda dos braços, de alguma maneira solidificados? – Esta resposta não te dará ainda o que desejas. Quando uma mesa se move é porque o Espírito evocado tirou do fluido universal o que anima essa mesa de uma vida factícia. Assim preparada, o Espírito a atrai e a movimenta, sob a influência do seu próprio fluido, emitido pela sua vontade. Quando a massa que deseja mover é muito pesada para ele, pede a ajuda de outros Espíritos da sua mesma condição. Por sua natureza etérea, o Espírito propriamente dito não pode agir sobre a matéria grosseira sem intermediário, ou seja, sem o liame que o liga à matéria. Esse liame, que chamais perispírito, oferece a chave de todos os fenômenos espíritas materiais. (...)

11. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos? – Os Espíritos que produzem esses efeitos são sempre inferiores, ainda não suficientemente livres das influências materiais.

12. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem dessas coisas, mas perguntamos se, sendo mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, se o quisessem? – Eles possuem a força moral, como os outros possuem a força física. Quando necessitam desta última, servem-se dos que a possuem. Já não dissemos que eles se servem dos Espíritos inferiores como vós dos carregadores?

Observação – *A densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia de acordo com a natureza dos mundos, como já foi ensinado. Parece variar também no mesmo mundo, segundo os indivíduos. Nos Espíritos moralmente adiantados ele é mais sutil e se aproxima do perispírito das entidades elevadas; nos Espíritos inferiores aproxima-se da matéria e é isso que determina a persistência das ilusões da vida terrena nas entidades de baixa categoria, que pensam e agem como se ainda estivessem na vida física, tendo os mesmos desejos e quase poderíamos dizer a mesma sensualidade. Essa densidade maior do perispírito, estabelecendo maior afinidade com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos para as manifestações físicas. (...) O perispírito é para o Espírito o que o corpo é para o homem. Sua densidade está na razão da inferioridade do Espírito. Essa densidade, portanto, substitui nele a força muscular, dando-lhe maior poder sobre os fluidos necessários às manifestações do que o possuem os de natureza mais etérea. (...)*

13. Se bem compreendemos o que disseste, o princípio vital provém do fluido universal. O Espírito tira desse fluido o envoltório semimaterial do seu perispírito, e é por meio desse fluido que ele age sobre a matéria inerte. É isso? – Sim, quer dizer que ele anima a matéria de uma vida factícia, artificial: a matéria se impregna de vida animal. A mesa que se move sob as vossas mãos vive como animal e obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é o Espírito que a empurra como se fosse um fardo. Quando ela se eleva, não é o Espírito que a ergue com os braços: é a mesa animada que obedece à impulsão dada pelo Espírito.

14. Qual o papel do médium nesse fenômeno? – Eu já disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal do Espírito. É necessária a união de ambos, do fluido animalizado e do fluido universal, para dar vida à mesa. Mas não se deve esquecer que essa vida é apenas momentânea, extinguindo-se com a mesma ação, e muitas vezes antes que a ação termine, quando a quantidade de fluido já não é mais suficiente para animar a mesa.

15. O Espírito pode agir sem o concurso do médium? – Pode agir à revelia do médium. Isso quer dizer que muitas pessoas ajudam os Espíritos na realização de certos fenômenos, sem o saberem. O Espírito tira dessas pessoas, como de uma fonte, o fluido animal de que necessita. É dessa maneira que o concurso de um médium, como o entendes, nem sempre é necessário, o que acontece sobretudo nos fenômenos espontâneos.

16. A mesa animada age com inteligência? Pensa? – É como o bastão com que fazes um sinal inteligente a alguém. Não pensa, mas a vitalidade de que está animado lhe permite obedecer ao impulso de uma inteligência. É bom saber que a mesa em movimento não se torna Espírito e não tem pensamento nem vontade. (...)

17. Qual a causa preponderante na produção deste fenômeno: o Espírito ou o fluido? – O Espírito é a causa e o fluido é o seu instrumento; ambos são necessários. (...)

18a. É indispensável a vontade do médium? – Ela aumenta a potência, mas nem sempre é necessária, desde que pode haver o movimento, (...) contra a vontade do médium, o que é uma prova da existência de uma causa independente. (...)

19. Por que motivo não podem todos produzir o mesmo efeito e todos os médiuns não têm a mesma potência? – Isso depende do organismo e da maior ou menor facilidade na combinação dos fluidos, e ainda da maior ou menor simpatia do médium com os Espíritos que nele encontram a potência fluídica necessária. Esta potência, como a dos magnetizadores, é maior ou menor. Encontramos, nesse caso, pessoas inteiramente refratárias, outras em que a combinação só se verifica pelo esforço da sua própria vontade, e outras, enfim, em que ela se dá tão natural e facilmente que nem a percebem, servindo de instrumentos sem o saberem (...).

24. Dizes que o Espírito não usa as mãos para mover a mesa, mas em certas manifestações apareceram mãos a dedilhar teclados, movimentando as teclas e produzindo sons. Não pareceria, nesse caso, que as teclas eram movimentadas pelos dedos? E a pressão dos dedos não é também direta e real, quando a sentimos em nós mesmos, quando essas mãos deixam marcas na pele? – Não poderias compreender a natureza dos Espíritos e sua maneira de agir por meio dessas comparações, que dão apenas uma ideia incompleta. **É um erro querer sempre assemelhar às vossas as maneiras de eles procederem.** Os processos dos Espíritos devem estar sempre em relação com a sua organização. Já não dissemos que o fluido do perispírito penetra na matéria e se identifica com ela, dando-lhe uma vida factícia? Pois bem, quando o Espírito movimenta as teclas com os dedos ele o faz realmente. Mas não é pela força muscular que faz a pressão. Ele anima a tecla, como faz com a mesa, e a tecla obedece à sua vontade e vibra a corda. Neste caso também ocorre um fato de difícil compreensão para vós. É que certos Espíritos são ainda tão atrasados e de tal forma materiais, em comparação com os Espíritos elevados, que conservam as ilusões da vida terrena e julgam agir como quando estavam no corpo. Não percebem a verdadeira causa dos efeitos que produzem, como um pobre homem não compreende a teoria dos sons que pronuncia. Se perguntares como tocam o piano, dirão que com os dedos, pois assim creem fazer. Produzem o efeito de maneira instintiva, sem o saberem, e não obstante pela sua vontade. Quando falam e se fazem ouvir, é a mesma coisa. (...)

25. Entre os fenômenos citados como provas da ação de uma potência oculta, há os que são evidentemente contrários a todas as leis conhecidas da Natureza. A dúvida, então, não parece justa? – Acontece que o homem está longe de conhecer todas as leis da Natureza; se as conhecesse, seria Espírito superior. Cada dia, entretanto, oferece um desmentido aos que tudo pensam saber, pretendendo impor limites à Natureza, e nem por isso eles se mostram menos orgulhosos. Desvendando incessantemente novos mistérios, Deus adverte ao homem que deve desconfiar das suas próprias luzes, pois chegará um dia em que a ciência do mais sábio será confundida. (...) “Pobres homens que vos considerais tão sábios, cuja tola vaidade é a todo instante confundida, sabeis que sois ainda muito pequeninos!”

75. Essas explicações são claras, categóricas, sem ambiguidades. Delas ressalta o ponto capital de que o fluido universal, que encerra o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, e que esse agente recebe seu impulso do Espírito, quer seja encarnado ou errante. O fluido condensado constitui o perispírito ou invólucro

semimaterial do Espírito. Na encarnação, o perispírito está ligado à matéria do corpo; na erraticidade está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito está mais ou menos fundida com a matéria corpórea, mais ou menos colada a ela, se assim podemos dizer. Em algumas pessoas há uma espécie de emanção desse fluido, em consequência de condições especiais de sua organização, e é disso, propriamente falando, que resultam os médiuns de efeitos físicos. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante e sua combinação mais ou menos fácil, e daí os médiuns mais ou menos possantes. Mas essa emissão não é permanente, o que explica a intermitência da força.

76. Façamos uma comparação. Quando queremos atingir alguma coisa situada à distância de nós, é pelo pensamento que o tentamos, mas o pensamento sozinho não poderia realizar o nosso intento. Precisamos de um instrumento que o pensamento dirigirá: um bastão, um projétil, um assobio, etc. Note-se ainda que o pensamento não age diretamente sobre o bastão, que precisamos pegar. A inteligência, que é o próprio Espírito encarnado em nosso corpo, está unida ao corpo pelo perispírito e não pode agir sobre o corpo sem perispírito, da mesma maneira que não pode agir sobre o bastão sem o corpo. Assim: ela age sobre o perispírito, que é a substância com que tem mais afinidade, o perispírito age sobre os músculos, estes fazem a mão pegar o bastão e o bastão atinge o alvo. Quando o Espírito não está encarnado necessita de um instrumento que não pertence ao seu organismo: esse instrumento é o fluido, com o auxílio do qual torna o objeto apropriado a realizar o impulso da sua vontade.

77. Quando, pois, um objeto é movido, erguido ou atirado no ar, o Espírito não o pegou, não o ergueu nem o atirou como nós o fazemos com as mãos. Ele o saturou, por assim dizer, com o seu fluido, combinado com o do médium. O objeto, assim momentaneamente vivificado, age como um ser vivo, com a diferença de não ter vontade própria e obedecer ao impulso da vontade do Espírito.

Assim, o fluido vital, dirigido pelo Espírito, dá uma vida artificial e momentânea aos corpos inertes. Sendo o perispírito formado por esse fluido, segue-se que o Espírito encarnado, por meio do seu perispírito, é quem dá vida ao corpo, mantendo-se unido a ele enquanto o organismo o permite. Quando ele se retira, o corpo morre. Então, se em lugar de uma mesa fizéssemos uma estátua de madeira, teríamos, sob a ação mediúnica, uma estátua que se moveria e daria pancadas, respondendo às nossas perguntas. Numa palavra: teríamos uma estátua animada por uma vida artificial. E, como se diz mesas falantes, também se poderia dizer estátuas falantes. Quanta luz lança esta teoria sobre uma infinidade de fenômenos até agora inexplicáveis! Quantas alegorias e efeitos misteriosos vem explicar! (...)

1. SIMBIOSES ESPIRITUAIS. — Compreendendo-se que toda criatura se movimenta no seio das emanções que lhe são peculiares, intuitivamente perceberemos os processos simbióticos, dentro dos quais se efetua a

influenciação das Inteligências desencarnadas que tomam alguém para instrumento de suas manifestações. (...)

Se a personalidade encarnada acusa possibilidades de larga desarticulação das próprias forças anímicas, encontramos aí a mediunidade de efeitos físicos, suscetível de exteriorizar-se em graus diversos.

Eis porque comumente somos defrontados na Terra por jovens mal saídos da primeira infância, servindo de medianeiros a desencarnados menos esclarecidos que com eles se afinam, na produção dos fenômenos físicos de espécie inferior, como sejam batidas, sinais, deslocamentos e vozes de feição espetacular.

É certo que semelhantes evidências do Plano extrafísico se devam, de modo geral, a entidades de pouca evolução, porquanto, imanizadas aos médiuns naturais a que se condicionam, entremostam-se entre os homens, à maneira de caprichosas crianças, em afetos e desafetos desgovernados, bastando, às vezes, simples intervenção de alguma autoridade moral, através da exortação ou da prece, para que as perturbações em andamento cessem de imediato. (...)

2. MÉDIUM TELEGUIADO. — Imaginemos que persista na individualidade encarnada a fácil desassociação das forças anímicas. Nesse caso, temo-la habilitada ao fornecimento do ectoplasma ou plasma exteriorizado de que se valem as Inteligências desencarnadas para a produção dos fenômenos físicos que lhes denota a sobrevivência.

Chegada a esse ponto, se a criatura deseja cooperar na obra do esclarecimento humano, recebe do Plano Espiritual um guarda vigilante, — mais comumente chamado “o guia”, segundo a apreciação terrestre, — guarda esse, porém, que, diante da Esfera extrafísica, tem as funções de um zelador ou de um mordomo responsável pelas energias do medianeiro, sempre de posição evolutiva semelhante.

Ambos passam a formar um circuito de forças, sob as vistas de Instrutores da Vida Maior, que os mobilizam a serviço da beneficência e da educação, em muitas circunstâncias com pleno desdobramento do corpo espiritual do médium, que passa a agir à feição de uma Inteligência teleguiada.

Daí nasce a possibilidade da constituição dos círculos de estudo das ocorrências de materialização, com os fenômenos de telecinesia, a começarem nos “raps” e a culminarem na ectoplasma visível.

3. DIFICULDADES DO INTERCÂMBIO. — Não podemos esquecer que o campo de oscilações mentais do médium — envoltório natural e irremovível que lhe pulsa do espírito — é o filtro de todas as operações nos fenômenos físicos. Incorporam-se-lhe ao dinamismo psíquico os contingentes ectoplásmicos dos assistentes, aliados a recursos outros da Natureza; mas, ainda aí, os elementos essenciais pertencem ao médium que, consciente ou inconscientemente, pode interferir nas manifestações.

A exteriorização dos princípios anímicos nada tem a ver, em absoluto, com o aperfeiçoamento moral. Cumpre destacar, assim, as dificuldades para a manutenção de largo intercâmbio, dilatado e seguro, nesse terreno.

Basta leve modificação de propósito na personalidade medianímica, seja em matéria de interesse econômico ou de conduta afetiva, para que se lhe alterem os raios mentais. Verificada semelhante metamorfose, esboçam-se-lhe, na aura ou fulcro energético, formas-pensamentos, por vezes em completo desacordo com o programa traçado no Plano Superior, ao mesmo tempo que perigos consideráveis assomam na esfera do serviço a fazer, de vez que a transformação das ondas mediúnicas imprime novo rumo à força exteriorizada, que, desse modo, em certas ocasiões, pode ser manuseada por entidades desencarnadas, positivamente inferiores, famintas de sensações do campo físico. Em tais sucessos, perturbações variadas podem ocorrer desencorajando experiências magnificamente encetadas.

4. MÉDIUM E ASSISTENTES. — Todavia, é imperioso anotar que não somente o fulcro mental do médium intervém nas atividades em grupo.

Cada assistente aí comparece com as oscilações que lhe são peculiares, tangenciando a esfera mediúnica em ação, e, se os pensamentos com que interfere nesse campo diferem dos objetivos traçados, com facilidade se erige, igualmente, em fator alternante, por insinuar-se, de modo indesejável, nos agentes de composição da obra esperada, impondo desequilíbrio ao conjunto, qual acontece ao instrumento desafinado numa orquestra comum. (...)

Se as entidades espirituais sensatas e nobres estão dependentes da faixa de ondas mentais do médium, para a condução correta das forças ectoplasmáticas dele exteriorizadas, o médium depende também da influência elevada dos circunstantes, para sustentar-se na harmonia ideal. (...)

Mecanismos da mediunidade — André Luiz — Cap. 17. Efeitos físicos

A Gênese (texto da primeira edição de 1868) - Cap. XIV. Os Fluidos

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão, no ar, de corpos pesados, de escrita mediúnica, são tão velhos quanto o mundo, porém mais comuns atualmente, e nos dão a chave de alguns fenômenos análogos, aos quais, pela ignorância da lei que os rege, tinha-se atribuído um caráter sobrenatural e miraculoso. Esses fenômenos baseiam-se nas propriedades do fluido perispiritual, seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. É com a ajuda de seu perispírito que o Espírito age sobre seu corpo vivo. É ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta, agindo sobre a matéria inerte, e produz ruídos, movimentos de mesas e outros objetos, que ergue, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se considerarmos que, entre nós, os motores mais possantes estão nos fluidos mais rarefeitos e até imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com ajuda de seu perispírito que o Espírito faz com que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Como não tem um corpo tangível para agir

ostensivamente, quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma emprestado, e os faz agir, como se fosse seu próprio corpo, por meio do eflúvio fluídico com que o envolve.

42. É pelo mesmo meio que o Espírito atua sobre a mesa, seja para fazê-la movimentar-se sem significação determinada, seja para fazê-la bater com golpes inteligentes, indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de tiptologia. A mesa é apenas um instrumento do qual ele se serve, como faz com o lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea, pelo fluido com que a penetra, porém nunca se identifica com ela. (...)

Quando comunicações ocorrem por esse meio, é preciso pensar que o Espírito não está na mesa, mas com ela, tal como estaria em sua vida, e tal como seria visto, se nesse momento ele pudesse tornar-se visível. (...)

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue à força braçal, mas envolve-a e penetra-lhe uma sorte de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o faz o ar pelos balões e as caifas. O fluido no qual está penetrado dá-lhe momentaneamente uma leveza específica enorme.(...) São apenas comparações para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude absoluta das causas.

Compreende-se após isso que não é difícil ao Espírito levantar uma pessoa como levantar uma mesa, de transportar um objeto de um local a outro, ou de lançá-lo a qualquer parte. Esses fenômenos produzem-se pela mesma lei.

Tal é o princípio do fenômeno dos transportes; fenômeno muito real, contudo convém só aceitá-lo com extrema reserva, porque é um dos que mais se prestam a imitações e truques. A honorabilidade irrecusável de pessoa que os obtém, seu desinteresse absoluto, material e moral e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser postas em séria consideração. É preciso, sobretudo, desconfiar da enorme facilidade com a qual tais efeitos sejam produzidos e manter sob suspeita os que se repelem muito frequente e, por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias. (...)

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele dá-lhe a impulsão por uma corrente fluídica com a ajuda da qual a faz mover a seu capricho.

Quando golpes se fazem perceber na mesa ou alhures, o Espírito não bate nem com sua mão nem com um objeto qualquer; ele dirige sobre o ponto de onde parte o barulho um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

Examina a tua convicção começante.

Se ela nasceu de fenômenos que te impressionaram a mente ou de benefícios que recolheste, agradece o concurso daqueles que te moveram à luz, mas não permaneças indefinidamente na ofuscação que te imobiliza no louvor admirativo, qual se te demorasse sob o efeito de longa hipnose.

A Natureza, em todas as plagas do universo, é conjunto de fenômenos e bênçãos que nos desafiam o poder do estudo e a capacidade de gratidão. O sol é um espetáculo constante da Inteligência Divina, ante os olhos da humanidade terrestre que, muito de longe em longe, se lembra disso. A fonte é uma ocorrência de materialização das mais belas, sustentando o hálito das criaturas por saciar-lhes a sede, sem que isso habitualmente as comova.

Emprega-te a compreender e servir.

Entrega os enigmas do planeta aos cuidados da ciência que os deslindará, na hora precisa, e medita no fenômeno de tua própria individualidade.

Meçamos a nossa pequenez ante a grandeza da vida.

Vejamo-nos quais somos.

Não exagerar as nossas possíveis qualidades, mas, valorizar o tempo e desenvolvê-las.

Não esmorecer, à frente dos nossos defeitos, mas, subjugar-los com paciência, diminuindo-lhes a força cada vez mais, até que possamos suprimi-los, por fim.

Imprescindível não esquecer que todo fenômeno é passível de dúvida, como recurso mutável e periférico.

Somente o Espírito amalha valores imperecíveis.

No portal da Luz - Emmanuel - Cap. 2. Fenômenos e bênçãos